

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. SP: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra: notas de curso no Collège de France 1978-1979**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A preparação do romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France 1977-1978**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Aula**. SP: Ed. Cultrix, 2002.

_____. **O grau zero da escrita**. SP: Martins Fontes, 2000.

BRUNO, Mário. **Escrita, literatura e filosofia**. RJ: Ed. Forense Universitária, 2008.

BRUNO, Mário et alii (org.). **Pensar de outra maneira. A partir de Cláudio Ulpiano**. RJ: Ed. Pazulin, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. SP: Cia. das Letras, 2001.

CHIARA, Ana Cristina. **Ensaio de possessão (irrespiráveis)**. RJ: Ed. Caetés, 2006.

CURI, Simone. **A escritura nômade em Clarice Lispector**. Chapecó: Argos, 2001.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. PRADO Jr; MUNHOZ, Alberto Alonso. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. III. Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. PELBART, Peter Pál. SP: Ed. 34, 1997.

_____. **Francis Bacon: Lógica da sensação**. Trad. MACHADO, Roberto (coord.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Conversações**. Trad. PELBART, Peter Pál. SP: Ed. 34, 2000.

_____. **A ilha deserta e outros textos**. SP: Ed. Iluminuras, 2008.

_____. **Lógica do sentido**. SP: Ed. Perspectiva, 1998.

_____. **Proust e os signos**. RJ: Ed. Forense Universitária, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. RJ: Relume Dumará, 2001.

_____. **Nietzsche**. Trad. CAMPOS, Alberto. Lisboa: Edições 70, 1994.

FERNANDES, Mariana Patrício. **Vida surgida rápida, logo apagada – extinta: A criação de estratégias de fuga do hospício na escrita de Maura Lopes Cançado**. Dissertação de mestrado defendida na PUC-RJ, 2008.

FERRY, Luc. **Homo aestheticus**. SP: Ed. Ensaio, 1994.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In: Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Univrsitária, 2003.

_____. **As palavras e as coisas**. SP: Martins Fontes, 1999.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. RJ: Forense Universitária, 2006.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. SP: Martins Fontes, 2006.

_____. **Raymond Roussel**. RJ: Ed. Forense Universitária, 1999.

KIFFER, Ana. **Antonin Artaud – uma poética do pensamento**. Tese de doutoramento.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio (org.). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. RJ: Relume Dumará, 2002.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzscheana**. RJ: Jorge Zahar, 1977.

_____. *Ciência e saber. A trajetória da arqueologia de Foucault*. RJ: Ed. Graal, 1988.

MOSÉ, Viviane. *Apresentação: Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica*. In: PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. RJ: Azougue Editorial, 2001.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Ecce Homo**. Trad. SOUZA, Paulo César. SP: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. SP: Companhia das Letras, 2002.

PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. **Texto, Crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

_____. **Inútil Poesia**. SP: Companhia das Letras, 2000.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. SP: Ed. Perspectiva, 2007.

_____. **Da clausura do fora ao fora da Clausura**. SP: Ed. Brasiliense, 1989.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. SP: Ed. Cultrix, 2007.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. **Rumores discretos da subjetividade**. Tese de doutoramento defendida na PUC-SP, 2002.

ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In : **Cadernos de subjetividade**. SP: PUC-SP, 1993.

SALOMÃO, Wally. **Gigolô de Bibelôs**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Lábia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SANTIAGO, Salviano. **Nas malhas da letra**. RJ: Ed. Rocco, 2006.

SONTAG, Susan. **A vontade radical. Estilos**. SP: Cia. das Letras, 1987.

VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. **O devir – água do texto: uma escrita em intensidade**. Tese de doutoramento defendida na PUC-SP, 2002.

18

Anexos

ANEXO 1

ENTREVISTA COM DENISE CORRÊA

1. *Que motivação primeira levou você e Marlene a convidarem a artista plástica Neli Gutmacher - da Escola de Artes Visuais do Parque Lage - e seus alunos, a montar um atelier na Colônia Juliano Moreira em 1986? Houve algum viés de ordem terapêutica?*
2. *Como se deu o processo de adesão de Stela do Patrocínio a este projeto?*
3. *Na exposição de 1989 “Ar Subterrâneo” frases de Stela do Patrocínio ganharam status visual nas paredes do Paço Imperial. A Stela esteve presente neste espaço? Você saberia dizer algo sobre como ela teria sido afetada a partir da eleição de frases suas para figurar nesta exposição?*
4. *Durante quanto tempo você conviveu com a Stela na Colônia – antes e depois do projeto Atelier de Arte – e o que você poderia dizer sobre ela que pudesse interessar aos leitores-fruidores de suas falas?*
5. *Há alguma questão que você gostaria que tivesse sido formulada aqui mas que está ausente? O que você acharia pertinente acrescentar a este depoimento?*

Lembro-me da Stela circulando pelo balcão onde eram realizadas as atividades do Projeto de Livre Criação Artística fazendo comentários

em formas de versos. Lembro-me também de vê-la nos jardins e no estacionamento do Núcleo, conversando com Carla e os outros artistas da equipe. Nestes momentos Carla, com o consentimento de Stela, gravava os seus versos.

Na inauguração da Exposição “Ar do Subterrâneo” todas as internas que exibiram seus trabalhos estavam presentes vestindo seus novos vestidos. Não me lembro de nenhum comentário que Stela tenha feito. Lembro-me de vê-la percorrendo a exposição e no momento da despedida ter visto em seu semblante uma expressão de alegria. Nos dias que se seguiram não me lembro de mudanças em seu comportamento.

Após o término do projeto eu assumi o cargo de coordenadora do Programa de Reabilitação Psicossocial dos Núcleos da Colônia Juliano Moreira e logo a seguir assumi a direção do Museu Nise da Silveira, hoje chamado “Museu Bispo do Rosário”.

Meus contatos com Stela passaram a ser esporádicos. Posso citar algumas situações: quando eu ia ao Núcleo Teixeira Brandão e a encontrava, voltando feliz da feira do Largo da Taquara, trazendo as frutas que ganhava dos feirantes; nas festas dos aniversariantes do mês de janeiro, quando comemorávamos nossos aniversários (ela no dia 9 e eu no dia 8).

Quando eu recebi estagiárias de psicologia no museu da Colônia, pedi a uma delas, Mônica, que resgatasse as biografias das internas que participaram da exposição Ar do Subterrâneo. Mônica levou a tarefa a sério e foi procurar um sobrinho de Stela no morro do Vidigal. Nesse período voltei a ter contato com Stela, infelizmente o sobrinho não foi localizado.

Os momentos mais dramáticos ocorreram quando ela se internou com problemas de diabetes e eu fui visitá-la. Ela chegou a ter uma de

suas pernas amputada. Lembro com tristeza que na última visita que lhe fiz ela me pediu que da próxima vez eu lhe trouxesse uma maçã assada. Mas não foi possível, ela faleceu logo depois.

O espetáculo que Clarisse Baptista realizou foi muito criativo e fruto de uma séria pesquisa feita pela atriz. Foi muito emocionante ver Stela e suas poesias revividas num palco da zona sul do Rio de Janeiro. Estava de volta o “Ar do Subterrâneo”, intenso e belo.

Denise

ANEXO 2

ENTREVISTA COM CARLA GUAGLIARDI

1. *Como foi seu primeiro contato com Stela e como aconteceu a idéia de gravar suas falas? Fale um pouco sobre esse processo.*

Primeiramente seria preciso contar como cheguei à Colônia Juliano Moreira. Na ocasião era aluna de Nelly Gutmacher na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Nelly foi procurada por Denise Correa e Marlene J. (?), psicanalistas que então trabalhavam na instituição, para experimentar a criação de uma “Oficina de Livre Expressão Artística” junto às pacientes do núcleo Teixeira Brandão, cuja proposta diferia dos métodos terapêuticos usados, por exemplo, em oficinas de arte-terapia. Durante dois anos e meio desenvolvemos um trabalho semanal, que resultou ao final desse período numa belíssima exposição no Paço Imperial, chamada “O ar do subterrâneo” (em alusão a uma expressão de Artaud).

Nelly aceitou o desafio, convidando dois de seus alunos para participar da equipe: Marcio Rolo e eu, Carla Guagliardi. Mais tarde juntaram-se a nós Brigitte Holck e Gabriela (?), como voluntárias, assim como eventualmente alguns interessados no projeto, como Clara e Carlos Sandroni.

Desde o princípio nossa abordagem foi muito espontânea, inicialmente visitando-as em seus alojamentos ou nos arredores, procurávamos conversar com elas e convidá-las a participar da oficina quando quisessem. Num desses encontros deparamos com a genialidade da Stela.

Sempre soberba, trajando algum ornamento como uma capa feita de cobertor ou maquiada com traços brancos desenhados na face, ela se apresentou e demonstrou por nós uma curiosidade peculiar, séria e distinta. Grande parte das pacientes tendem a ter um comportamento

infantilizado, catatônico e/ou extremamente carente... com a Stela era diferente... seu olhar enxergava algo além, sua atitude em relação à instituição hospitalar e a condição com que o paciente psiquiátrico é visto e tratado era mais crítica e reflexiva, ao mesmo tempo muito poética, até mesmo trágica. Sua fala tantas vezes confirmava o que tantos filósofos, poetas e pensadores dissertaram a respeito da loucura. Era realmente impressionante.

Pessoalmente, fiquei extremamente fascinada por ela, cada um dos nossos encontros deixava marcas e questões profundas que me levavam a refletir mais e mais sobre a vulnerabilidade do ser. Creio que em todos nós da equipe o mesmo se dava em relação aos confrontos que tínhamos dentro da instituição com cada paciente, com cada singularidade que deparávamos.

Quase sempre depois do trabalho, apesar de exaustos, sentávamos em algum lugar para avaliar os acontecimentos do dia, pois era impossível ir para casa sem “digerir” a experiência daqueles momentos.

2. Houve alguma razão para a escolha da forma entrevista?

A gravação da fala da Stela se deu em momentos distintos durante um longo período. Um deles tem a forma de entrevista e é o áudio do vídeo-entrevista que fizemos com ela. O restante desse material se deu de forma totalmente espontânea, quase sempre ao ar livre, no jardim do núcleo Teixeira Brandão.

3. Como Stela reagiu à proposta de ter suas falas gravadas? Houve alguma resistência?

O gravador raramente esteve presente e era ignorado, não fazia diferença. Uma vez eu e ela conversamos sobre o gravador, sobre a reprodução do que se fala...ela se abismou... mas acredito que a Stela tivesse consciência plena do especial interesse que ela suscitava e

procurava corresponder a isso . Havia também momentos quando ela não estava “afim de papo” e era breve em sua fala ou aparição no atelier.

O interessante era que ela nunca procurou participar das atividades que propúnhamos, quase sempre plásticas. Muito raramente se atrevia a riscar um enorme papel, de forma minimalista, e dizia: “pronto, está pronto...” O que ela fazia era *estar* lá, com seu olhar, com sua fala e a atenção de todos os seus sentidos, era aproveitar a oportunidade de ser escutada, e estou certa que ela percebia que nossa escuta era também atenta, sensível e interessada.

4. Houve alguns critérios pré-definidos, alguns cuidados a priori antes do início desse processo, ou tudo foi simplesmente acontecendo?

(acho que já respondi essa questão...)

5-Em sua opinião Stela conservou um certo grau de espontaneidade durante as entrevistas - mesmo sabendo que estavam sendo gravadas - ou a consciência disso pode ter afetado aquela espontaneidade?

(idem...)

6-Durante quanto tempo, quantas sessões e em que circunstâncias foram feitas estas gravações?

(idem)

7-Quem é Stela do Patrocínio para Carla Guagliardi?

Vou responder a essa pergunta relatando um fato:

...Uma vez a Stela apareceu no galpão onde funcionava nossa oficina, me pegou no colo de repente, suspensa pelos joelhos, de forma

que eu fiquei bem alta (pois ela já era alta!), caminhou comigo no colo nessa posição, de forma decidida, dentro do galpão pra lá e pra cá e depois, comigo ainda lá em cima, me perguntou: ...gostou?... Eu disse: ...gostei!...

Acho que esse, entre outros fatos, era a confirmação da nossa confiança e amizade... era dessa forma dito e essa compreensão foi um aprendizado enorme na minha vida.

A Stela significa para mim a infinita possibilidade que existe entre nós, as infinitas variações de ser e estar na vida. Meu respeito por ela é enorme.

8. *Qual a sensação ou o sentimento de haver desencadeado tantos ecos a partir das gravações de suas entrevistas com Stella, entre livro, filme, espetáculos, pesquisas, sites, CD, etc.?*

Fico feliz pela afetação que as palavras da Stela causam embora, estranhamente, o que essa fala reverbera e produz já é outra coisa. É o que cada um faz disso a partir da sua experiência pessoal. Muitas das resultantes eu nem ao menos tomei conhecimento, até por estar aqui na Alemanha. Acho que é essa a função da poiesis, esse livre trânsito como um anjo, visitando nossos espíritos. Acho que o que fizemos quando expusemos suas palavras foi soltar o anjo por aí. (*)

9. *De que modo essas entrevistas podem ter afetado a própria subjetividade e a produção estética de Carla Guagliardi?*

Eu diria que não foram as entrevistas que me afetaram mas o contato com a Stela em si... Naquele momento eu estava iniciando minha carreira artística e reconhecendo-me através do trabalho que surgia... processo ininterrupto até hoje, eu diria.

De qualquer forma, em minhas instalações e esculturas, os temas vulnerabilidade, instabilidade, temporalidade, entre outros...são muito recorrentes...talvez tenha sentido pensar que a Stela me “falou” muito disso... e essa fala não consta das palavras ouvidas... ela surge no silêncio cada vez que me lembro dela.

10. *Há alguma questão que você gostaria que tivesse sido formulada aqui mas que está ausente? O que você acharia pertinente acrescentar a este depoimento?*

Essa conversa certamente poderia ir mais e mais além ... são inúmeros os aspectos ...

Mas acredito que demos conta do recado.

(*) na exposição do Paço Imperial expusemos desenhos e instalações das pacientes que freqüentavam o atelier... foi aí que surgiu a idéia de imprimir pequenos recortes da fala da Stela e colar nas paredes da exposição.

ANEXO 3

ENTREVISTA COM CLARISSE BAPTISTA

Através de que meios, ou por quais caminhos, deu-se seu contato com as falas de Stela do Patrocínio?

Em 97, quando eu morava no Rio de Janeiro, e meu filho acabara de nascer, um amigo me disse que havia lido uns textos que eram a minha cara. Esse amigo é jornalista e foi convidado a fazer uma revista virtual para o Instituto Juliano Moreira. Vez em quando ele lia alguma coisa e dizia que parecia comigo. Pedi para conhecer os textos e ele me mandou por e-mail.

Como se deu a motivação para criar e montar o monólogo “Stella do Patrocínio, óculos, vestido azul, sapato preto, bolsa branca e... doida”?

Meu amigo me mandou o texto e li imediatamente. Naquele momento vi um espetáculo montado. Achei o texto fantástico, inteligente. E a primeira leitura do texto que a gente pretende montar, para mim, é definitiva. Falava de coisas complicadas de uma forma simples e rápida. Parecia sem sentido, mas eu encontrava sentido em tudo que lia. Era tudo o que eu gostaria de dizer. Eu pensava como a Stella e ela conseguiu dizer o que eu pensava. E achei lindo, poético, forte. E via a possibilidade de fazer um trabalho de atriz que exigisse mais de mim. Eu não conseguia ter vontade de fazer outro texto. E queria fazer um trabalho sozinha, porque queria me testar. Além disso, eu sabia que, com o nascimento do meu filho, eu precisaria ter mais tempo para ele e não dava para ensaiar nos horários de antes e de depender de outras pessoas para ensaiarem comigo. Sempre trabalhei em grupo, com muitas outras pessoas e estava sem a menor disposição para aquilo (atrasos, faltas, cancelamentos de ensaios, produção para um monte de gente, ai ai ai). Achei o texto perfeito, e perfeito para uma pessoa sozinha em cena. Guardei o texto durante três anos, até meu filho desmamar, até eu ter coragem de deixá-lo com outra pessoa e, em 2000, a Stela foi para a rua.

O que você poderia dizer sobre esse espetáculo teatral, do ponto de vista da forma ou do conteúdo, que pudesse interessar a quem não teve acesso a ele?

O espetáculo é extremamente simples. Em cena estão somente alguns elementos que indicam o espaço onde ela viveu, quando foram gravadas suas falas. Resolvi situar o espetáculo no espaço do hospital, por isso estão lá uma cadeira, uma cama e um espelho. No fundo do palco um painel com objetos sem uso (roupas, cascas de ventiladores, carrinhos, embalagens de alimentos, bolsas etc. etc. etc), inspirado no trabalho do Bispo do Rosário, que viveu na Colônia Juliano Moreira, pela mesma época.

Para fazer a Stella, fui várias vezes ao Hospital de Saúde Mental do Acre. Ficava no pavilhão das mulheres. Se elas se relacionassem comigo, tudo bem. Caso contrário eu ficava quieta, acompanhando os movimentos delas. Mas sempre elas conversavam, perguntavam, me tocavam, olhavam, sorriam, faziam caretas.

A Stella trocava de roupa uma vez. Tirava um vestido e punha short e blusa. Depois fazia uma cena, em delírio, com um manto, também inspirado no Bispo.

Ela passava por vários momentos: brincava, chorava, sorria, às vezes parecia uma criança, tinha momentos de extrema lucidez, era ativa, tinha lembranças, citava nomes, contava histórias de abandono, ficava magoada e debochava, gargalhava.

Falava da família, da religião, de sexo, da dor, do abandono, dos maus tratos do hospital, de outras pessoas.

Mas a verdade é que o espetáculo foi montado muito com o que vi das meninas que eu visitava no HOSMAC. Muitas cenas foram criadas com o que eu capturava. Eu via a cena acontecer e percebia como "encaixava" perfeitamente no texto da Stella. Evidentemente que a cena sempre sofria acréscimos e cortes.

Mas não foi só o Hospital que me ajudou na montagem. Fiquei tão ligada na idéia de montar a Stella que, meses antes de começar a ensaiar em uma boate aqui em Rio Branco, vi um clip de uma banda de rock não sei de onde e nem qual era, e a postura, a posição da cabeça da moça que

aparecia, me ajudaram muito em uma das cenas que eu mais gostava de fazer (a cena da Stella com uma bonequinha negra, de borracha, a Aninha). Também encontrei muitas cenas nas lembranças da minha infância.

Como se deu a recepção de seu trabalho em Rio Branco e no Rio de Janeiro, por parte de ambos os públicos e/ou da crítica?

Vou te dizer que me surpreendi muito. Em Rio Branco tivemos casa lotada sempre. As pessoas até hoje me cobram outro trabalho e a remontagem da Stella. Havia todo tipo de reação. Pessoas que choravam muito e sempre se referiam às pessoas da família que tinham alguma doença mental. Ou não. Acho que choravam por elas mesmas. Pessoas de todas as idades. Algumas assistiram 3 vezes. Outras só conseguiram assistir 2 ou 3 vezes porque não conseguiram chegar no horário, não teve ingresso, essas coisas.

Tenho um clipping muito interessante. Além de eu ser uma atriz absolutamente desconhecida, que moro no Acre, estava com uma produção muito simples. Mas tivemos matérias em jornais e revistas de todo o Brasil (Folha, O Globo, Carta Capital, Veja, Veja Rio e outros que não lembro agora). Fizemos os Festivais mais importantes do Brasil (Porto Alegre Em Cena, Curitiba, Londrina), 16 cidades pelo Palco Giratório/ SESC. Recebemos convites e nem passamos pela seleção do SESC, como normalmente fazem para escolher os espetáculos do Palco Giratório. Fizemos duas temporadas no Rio (Teatro Sergio Porto e Casa de Cultura Laura Alvim) com uma crítica que, até onde dava para entender alguma coisa, parecia boa (do Macksen Luiz). Em todos os Festivais as críticas foram as melhores e tínhamos sempre casa lotada, mesmo nas sessões da meia-noite. As pessoas ficavam muito emocionadas. Acontecia, como um casal de amigos me contou, das pessoas assistirem e cancelarem o programa combinado para depois do espetáculo. E me abraçavam, agradeciam. Era bem bom isso.

A apresentação para os funcionários, pacientes e familiares dos doentes do HOSMAC aqui, foi emocionante. Mas a apresentação no Instituto

Juliano Moreira no Rio foi diferente de tudo. Não tinha luz de teatro (era a luz do dia), era um palquinho mínimo, eu quase não tinha espaço para me movimentar e usamos pouco do nosso cenário. Mas parecia que ela estava lá. Os pacientes, alguns deles estão lá há 50 anos, se envolveram. Rezavam quando ela rezava, em alto e bom som. Cantavam, falavam com ela e depois me abraçavam, se encostavam, e pegavam na minha mão e punham na cabeça deles, pedindo carinho. Foi muito bonito. E triste.

Devo dizer a você, que, desde o início, acreditava que a Stella era abençoada. Sempre tive um sentimento de gratidão muito grande por ela ter permitido que eu pudesse fazer seu texto, dizer suas palavras.

Não sou nem um pouco fantasiosa e nem invento histórias. Pelo contrário. Sou muito dura para acreditar no que não vejo. Mas dessa vez aconteceram coisas muito curiosas, que me levaram a pensar. Alguns acontecimentos que vou te contar.

Por exemplo: marquei a pré-estréia da Stella em Rio Branco e, como muita gente queria ir, acabei desmarcando. A pré-estréia era somente para os pacientes, familiares e amigos, e os médicos e familiares não queriam ver seus doentes expostos. Foi chato porque não sei como a notícia se espalhou e estava muita gente dizendo que iria para aquela apresentação, que era fechada. Eu tinha certeza que ia dar complicação, porque estou acostumada com o público de Rio Branco.

Eu marquei com o Teatro, sem saber, uma data que era a data do dia da morte da Stella. Só soube depois quando uma amiga psicóloga trouxe cópia dos poucos documentos que encontrou na pasta da Stella no Instituto, no Rio.

A Stella conta que foi apanhada na Rua Voluntários da Pátria e levada para o Hospital. Quando pensei em viajar para o Rio, só vinha à minha cabeça o Teatro Sérgio Porto e foi para lá que fomos, com muita dificuldade. Ela deu um endereço para o Hospital, que nunca foi confirmado, na Rua Maria Eugênia. Pois o Teatro Sergio Porto fica na Rua Humaitá, prolongamento da Rua Voluntários da Pátria (caso daqueles bairros que têm as fronteiras confusas) e fica exatamente em frente à Rua Maria Eugênia, rua do meu ginecologista, que fez o parto do

meu filho. Quando estávamos em cartaz liguei para o PINEL, no Rio de Janeiro, para oferecer uma apresentação para os pacientes. Você sabe o que é o Pinel, um hospital grande, com mil telefones. Quem atendeu? A última médica da Stella, Dra. Denise Correa, que eu havia procurado durante meses, para ter informações dela. Ela se identificou e eu não entendi nada. Ela havia visto o espetáculo na noite anterior e estava muito emocionada, por isso saiu sem falar comigo. Tentamos nos encontrar várias vezes e só nos vimos na última noite que passei no Rio, ficou horas conversando e contando da Stella. Ela confirmou uma suspeita que sempre tive. A de que a Stella, diferentemente do que acontece sempre, continuou uma mulher ativa, forte e abusada. Mesmo com os remédios, com os tratamentos, que fazem com que os doentes se curvem, deitem no chão, se encostem sempre nas paredes.

Tenho muitas outras para contar, mas são tantas, que levaria muito tempo.

O que quero dizer é que sou realmente agradecida por ter feito a Stella. E até hoje ainda me procuram por causa dela. Como é o teu caso.

Todas as vezes, antes de começar o espetáculo, eu agradecia a ela.

Quando terminou tudo, pedi para mandar rezar uma missa para ela. Foi a única idéia que me ocorreu. Eu queria marcar o fim da minha caminhada com ela.

Muita gente (ainda ontem uma amiga minha do Rio me disse isso) me pergunta porque não remonto a Stella. Não sei. Quem sabe? Mas foi muito bom. Viajei muito, adorei fazer a Stella e acho que também foi bom para outras pessoas.

A Coordenação Nacional da Saúde Mental convidou a Stella par uma apresentação de 20 minutos em Brasília, na Conferência Nacional. Tinha gente do Brasil todo, entre médicos, enfermeiros, familiares, pacientes, todo mundo. E gente de fora do país também. Fiz uma parte da Stella no Americel Hall, na Academia de Tênis. Um espaço enorme, para 3.000 pessoas, com telões laterais e cheio de gente. Fiquei com medo porque achei que não ia dar em nada. Era tudo tão grande, tanta gente. Sem a luz, sem cenário, só um pedaço pequeno. Mas tudo bem. Fiz e fiquei muito impressionada com a reação das pessoas. Depois vinham muitos

doentes falar comigo emocionados. Você não acha que ela é muito poderosa? Eu tenho certeza disso.

Nas viagens e aqui eu recebi bilhetes, cartas, poemas, desenhos, telefonemas, artesanatos, cartões, muita coisa agradecendo. Sempre acreditei no poder das falas da Stella.

Acrescentei ao texto delas, apenas. Não tirei absolutamente nada. Foram acrescentadas duas músicas: uma da igreja católica Prova de Amor Maior Não Há e uma outra cantada pela Suely Costa que acabo de esquecer o nome. Músicas com letras. Outras músicas entraram, como cantos gregorianos, sons diversos e composições de um amigo meu. Todo o resto era fala da Stella.

Bem, Luiza, espero que seja útil o que escrevi. Escreva-me se for preciso. Desejo sorte e que fique bonito seu trabalho, porque ela merece, e que você fique feliz.

Não sei se você sabe que ela falava sozinha, sem se preocupar com alguém para ouvi-la. E depois que morreu todo mundo quer ouvir o que ela tinha a dizer. Muitas outras atrizes já quiseram fazer a Stella. Se isso for importante, escreverei outra hora.

Qualquer pessoa pode fazê-la. A adaptação que fiz para o Teatro, a pedido do diretor do Instituto, foi registrada. Mas ela tem muito mais texto que daria para fazer muita coisa.

Recentemente vi uma parte de Estamira, porque não consegui assistir tudo. Considero o texto da Stella muito melhor. Apesar de ter ouvido coisas que gostei.

Após seu espetáculo de 2002 houve algum desdobramento que seria interessante você relatar.

Convites que continuaram a chegar, mas eu já havia desmontado o trabalho, principalmente, e o que já te disse: pessoas que cobram, lembram etc.

Há alguma pergunta que você gostaria que estivesse presente neste questionário e que no entanto não foi formulada? Em caso afirmativo, sinta-se à vontade para discorrer sobre tal tema.

Não que eu lembre. Qualquer curiosidade, me escreva. Com relação à Stella me sinto na obrigação de responder às perguntas que me fazem. E sinto muito prazer em falar dela, também.

Caso você tenha algum release da época, artigos de jornais, fotos, documentação, etc. eu ficaria muito grata em ter acesso a cópia deles. Meu endereço é Rua José Teixeira Lopes no. 101 bairro Bairu, Juiz de Fora – MG. CEP 36.050-160.

Vou escanear e mando para teu e-mail? Pode ser?

Um abraço, boa sorte e até mais.

Clarisse Baptista